

# VIA TEOLÓGICA

Volume 23 – Número 46 – dez. / 2022

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

---

## **PENTECOSTALISMO: A VOZ DE UMA CLASSE SOCIAL**

*Esp. Danielli Meiri Cadore  
Dr. Josemar Valdir Modes*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

# PENTECOSTALISMO: A VOZ DE UMA CLASSE SOCIAL

Pentecostalism: the voice of a social class

*Esp. Danielli Meiri Cadore<sup>1</sup>  
Dr. Josemar Valdir Modes<sup>2</sup>*

- 
- 1 Formada em Teologia pela faculdade Batista Pioneira e em Design de moda pela UNIVATES, tem especialização em Teologia Sistemática pela FABAPAR, trabalha como escritora através do ministério Vem e Vamos. E-mail: cadore.danielli@gmail.com
  - 2 Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, tem especialização em Liderança e Gestão de Pessoas pela FABAPAR, mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pela FABAPAR. É doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor na PIB Ijuí e como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

## RESUMO

O presente estudo analisou o movimento pentecostal com o propósito de compreender a maneira como ele consegue penetrar e transformar as camadas marginalizadas da sociedade. Para isso foi necessário averiguar sua origem, com destaque ao evento da Rua Azusa, sua teologia e doutrinas. Como a glossolalia é uma das doutrinas essenciais do pentecostalismo, ela recebeu destaque na análise. A glossolalia tem sua base teológica firmada em poucos textos bíblicos, porém é indiscutível a maneira em que pessoas de classes baixas, que são silenciadas na sociedade, cria identificação com essa teologia, encontrando no movimento pentecostal um espaço de fala e acolhimento.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo. Religião. Glossolalia. Batismo no Espírito Santo.

## ABSTRACT

The present study analyzed the Pentecostal movement with the purpose of understanding the way in which it manages to penetrate and transform the marginalized layers of society. For this, it was necessary to investigate its origin, with emphasis on the Azusa Street event, its theology and doctrines. As glossolalia is one of the essential doctrines of Pentecostalism, it received prominence in the analysis. Glossolalia has its theological basis established in a few biblical texts, but the way in which people from the lower classes, who are silenced in society, creates identification with this theology is undeniable, finding in the Pentecostal movement a space for speech and acceptance.

**Keywords:** Pentecostalism. Religion. Glossolalia. Baptism in the Holy Spirit.

## INTRODUÇÃO

O pentecostalismo é o grupo religioso que mais cresceu no Brasil nas últimas décadas. Sendo considerado por muitos o fenômeno mais revolucionário da história do cristianismo no século 20, em poucas décadas as igrejas pentecostais reuniram uma quantidade enorme de pessoas em praticamente todos os continentes, influenciando diretamente o avanço do Evangelho no mundo.

Ao observar o perfil dos pentecostais brasileiros é possível identificar que grande parte de seu contingente está localizado nas regiões periféricas e que seus membros costumam pertencer às camadas oprimidas da sociedade. Um movimento surgido no século 19, nos Estados Unidos, proclamava o avivamento da igreja, baseando em suma sua teologia em Atos 2. Seu crescimento vertiginoso e sua difusão internacional ocorreram a partir do conhecido *Avivamento da Rua Azusa*, onde multidões se reuniam para experimentar do Batismo do Espírito Santo.

O avivamento ficou marcado pela derrubada de barreiras raciais, a liturgia presente em cultos do cristianismo tradicional foi deixada de lado, os cultos pentecostais passaram a dar ênfase na oralidade, no testemunho dos fiéis, valorizando sonhos e visões. Mas principalmente, a grande valorização do fenômeno de falar em línguas, pois o pentecostalismo acredita que a prova física que uma pessoa ser batizada no Espírito Santo é a glossolalia.

O pentecostalismo dá voz para os marginalizados, a fala é o elemento principal dos cultos, as experiências ganham espaço e os longos sermões teológicos do cristianismo tradicional são colocados de lado. A palavra pregada é repleta de emoções e um chamado para que o crente mergulhe no Espírito Santo. Uma vertente do cristianismo que criou de forma imediata identificação com os desfavorecidos, uma cultura oral que nor-teia toda uma comunidade.

Com o passar dos anos o pentecostalismo causou um enorme impacto nas igrejas tradicionais, assim como na sociedade. Por essa razão, é oportuno realizar uma reflexão sobre sua origem, assim como suas principais doutrinas e o espaço de fala que esse movimento concede para as camadas que raramente tem voz na sociedade. É preciso compreender o movimento pentecostal desde sua origem até a atualidade para identificar a maneira que ele consegue entrar em comunidades precárias e transformar realidades.

O ponto chave desse estudo é a glossolalia e as manifestações espirituais presentes nos cultos pentecostais, de maneira que toda a doutrina e base teológica gira em torno desses acontecimentos, sendo uma forma de atrair fiéis que buscam na religião um espaço de fala e acolhimento. O pentecostalismo em sua base já nasceu como uma religião voltada para os pobres e marginalizados e continua assim até os dias de hoje, sem excluir pessoas de outros níveis sociais.

## 1. ORIGEM DO PENTECOSTALISMO

A história da igreja sempre foi marcada pelo surgimento de novos movimentos que transformaram realidades. Dentre esses movimentos é possível identificar o pentecostalismo (CUNHA, 2011, p. 2). Antes de seu estabelecimento formal e oficial, pode-se encontrar na história manifestações que podem ser chamadas de pré-pentecostais, sendo lapidadas pelo tempo e dando suporte ao movimento estruturado, como:

- a) *O Movimento de Santidade*, iniciado por John Wesley (1703-1784), trouxe os primeiros tons para esta perspectiva teológica. Surgiu em meio ao Metodismo, carregando leves traços do calvinismo mesclado ao ar-

minianismo, com forte ênfase pietista.<sup>3</sup> Wesley acreditava que a santificação do homem era um passo dado por ele próprio e que, ao ser alcançado, representava uma *segunda bênção* (VALÉRIO, 2013, p. 48). A expressão “segunda bênção” se tornou peça-chave na teologia pentecostal, que trouxe à sentença a associação ao falar em línguas.<sup>4</sup> Este esforço do ser humano no processo soteriológico deu os contornos arminianos à teologia pentecostal.

- b) *O Movimento Holiness* é identificado a partir de um acampamento realizado em 1867. Conversões em massa, aglomeração de pessoas para a pregação da Bíblia e o surgimento das igrejas livres foram as principais características desta manifestação pré-pentecostal. Associados aos elementos tradicionais do pentecostalismo, houve novas manifestações, como “cair no poder”, “tremores”, “riso santo” e “dança do Espírito”.<sup>5</sup> O movimento *holiness* se dividiu internamente, originando diferentes igrejas que assumiram a frente no movimento pentecostal dele decorrente.
- c) *Avivamento do País de Gales (novembro de 1904 a abril de 1906)* – Evan Roberts, filho de um mineiro, sem instrução formal, por meio de uma prédica simples e com orações longas de contrição e confissão, foi propagador

3 CALVINISMO, ARMINIANISMO E PIETISMO: a teologia calvinista e a arminiana são sistemas opostos: enquanto o calvinismo prega a absoluta soberania de Deus ao escolher as pessoas para a salvação e a danação eterna, o arminianismo sugere que o ser humano pode cooperar com Deus. No movimento de santidade juntou-se elementos teológicos interessantes: da parte de Deus a salvação é uma garantia (calvinismo) que deve ser buscada pelo ser humano (arminianismo). Para esta busca ser real, precisava-se apelar não apenas à mente, mas também ao coração, com uma mensagem emotiva e piedosa (pietismo).

4 FALAR EM LÍNGUAS (GLOSSOLALIA) “é o termo usado para manifestação da glossolalia que neste caso seria a manifestação de uma língua espiritual não compreendida pelos homens. Conforme a crença Pentecostal, pode-se interpretar as línguas, e de forma geral, a sua interpretação é uma oração a Deus. In. SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático**. São Paulo: Vida, 2009, p. 45.

5 “CAIR NO PODER”, “tremores”, “riso santo” e “dança do Espírito” são terminologias utilizadas pelo movimento *holiness*, e posteriormente pelos pentecostais para dar ênfase e nome a suas respectivas experiências espirituais. In. SYNAN, 2009, p. 52.

de um movimento de avivamento no País de Gales que levou centenas de pessoas às igrejas (diferentes igrejas e até mesmo casas), onde sem uma liturgia clara, nem uma organização formal, passaram mais de seis horas consecutivas orando. As orações eram intercaladas por músicas e meditações em trechos bíblicos. Não houve menção da manifestação de línguas, mas houve choros, histeria e orações simultâneas como marcas deste movimento (DEMOSS; SMITH, 2016, p. 5-39).

Estes movimentos culminaram no que se conhece como pentecostal na atualidade. Ele nasceu do desejo de reavivar a doutrina evangélica, que no início do século XX nos Estados Unidos e na Inglaterra, se separaram das Igrejas da Reforma (COSTA, 2007, p. 1).

O movimento pentecostal surgiu no ambiente religioso dinâmico e volátil dos Estados Unidos, porém com o passar do tempo as influências do pietismo alemão, do puritanismo e do movimento metodista se somaram e produziram mudanças. Com a ocorrência do Primeiro Grande Despertar, nos anos de 1730 e 1740, as igrejas protestantes começaram a ser revitalizadas, ao mesmo tempo que se produzia um tipo distinto de cristianismo. Com crenças mais emocionais, independente das antigas estruturas e tradições, com um anseio de experimentar o Sagrado de forma distinta (MATOS, 2006, p. 27).

As ênfases citadas anteriormente intensificaram-se durante o século XIX. Neste momento dois personagens e lugares formaram os marcos inaugurais ou referenciais históricos do moderno movimento pentecostal. Estes são Charles Fox Parham e William Joseph Seymour, o primeiro em Topeka (Kansas) e o segundo em Los Angeles (Califórnia) (CAMPOS, 2005, p. 104).

Pode-se afirmar que o movimento pentecostal teve sua origem no ministério de Charles Parham, pelos anos de 1900 e 1901. Ele havia deixado a Igreja Metodista para defender uma

compreensão teológica particular. Afirmava a necessidade de uma terceira benção, além da conversão e da santificação, defendendo o batismo com o Espírito Santo por meio da glossolalia. Ele fundou a Escola Bíblica Betel, em Kansas, para poder espalhar sua compreensão bíblica que era fortemente baseada em Atos dos Apóstolos capítulo 2, e trabalhou conceitos que posteriormente seriam as doutrinas básicas do movimento pentecostal (CUNHA, 2011, p. 36-37). É importante destacar que a historiografia do pentecostalismo tende a ocultar o papel de Parham, este que sofreu acusações de homossexualidade e que tinha uma notória inclinação racista e simpatizava com a Ku Klux Klan, uma posição extremamente distinta do pentecostalismo hoje (CMAPOS, 2005, p. 104).

Parham foi o fundador da teologia pentecostal. Siepiersky afirma que “foi ele quem pela primeira vez elaborou uma definição teológica do pentecostalismo que sublinhava o vínculo entre ‘Falar em Línguas’ e o batismo do Espírito Santo. ‘Falar em Línguas’ para ele seria a evidência inicial do batismo do Espírito Santo” (SIEPIERSKI, 1997, p. 2.). O movimento de Parham recebeu diferentes nomes, entre eles *fé apostólica*, *movimento pentecostal*, ou *chuva tardia*, estes todos apontavam para a característica marcante da nova cosmovisão.

Uma das ideias centrais presentes na origem do movimento é o que se denomina de *repriminção*, o desejo de voltar aos dias iniciais do cristianismo, aos primórdios da Igreja Primitiva, tendo como ideal uma época de maior fervor e plenitude cristã. Juntamente com isso estava fortemente associada a nova linguagem que dava ênfase no poder do Espírito (MATOS, 2006, p. 30).

William Seymour, ex-aluno de Charles Fox Parham, outro nome importante do pentecostalismo, foi o responsável pela explosão do movimento para além do espaço regional do Texas (GANDRA, 2013, p. 270). Ele foi alimentado pela teologia aprendida no Kansas, ao sair de lá fundou uma pequena comunidade

em Los Angeles no ano de 1906, transformada posteriormente no movimento conhecido como *Azusa Street Mission do Movimento da Fé Apostólica*.

A eclosão do movimento pentecostal nos Estados Unidos, de onde se disseminou para o mundo, deu-se entre a população negra. Em praticamente todos os lugares do mundo as igrejas pentecostais iniciaram suas comunidades entre as populações de baixa renda (SOUZA, 2004, p. 19). Seymour é um exemplo disso, ele era filho de ex-escravos. Com 36 anos começou a realizar celebrações em um templo abandonado de uma Igreja Metodista Africana, deste lugar saíam gritos, convulsões, profecias e glossolalias, curas e milagres. Tudo isso rapidamente chamou a atenção da imprensa<sup>6</sup> que começou a publicar matérias sobre o que acontecia naquele lugar, que ficou conhecido como rua Azusa (CAMPOS, 2005, p. 110).

## 1.1 O MOVIMENTO DA RUA AZUSA

As reuniões lideradas por Seymour eram eletrizantes e barulhentas. Geralmente começavam as 10 horas da manhã e prosseguiam por pelo menos doze horas, muitas vezes terminando às 2 ou 3 da madrugada do dia seguinte (MATOS, 2006, p. 32). Uma das primeiras matérias sobre o movimento que acontecia na rua Azusa foi a do jornal Los Angeles Times, na edição de 18 de abril de 1906:

Com gritos estranhos e pronunciando coisas que nenhum mortal em seu juízo normal pudesse entender, teve início em Los Angeles a mais re-

6 IMPRENSA NA DIFUSÃO DO PENTECOSTALISMO: pode-se observar a influência da imprensa na difusão do movimento pentecostal. Na Suécia, onde o movimento pentecostal se instalou a partir do movimento da rua Azusa, os meios de comunicação impressa passam a divulgar os eventos ocorridos nas igrejas. Os primeiros relatos sobre o avivamento em Skövde (Suécia) estavam em contraste com os seguintes artigos mais críticos sobre o fenômeno no *Wecko-Posten*. Este jornal de Estocolmo tornou-se ao longo do tempo um crítico ferrenho do novo movimento, enquanto os jornais de *Örebro*, como o *Svenska Tribunen* e o *Närkesbladet*, colocaram-se como defensores. A guerra na mídia que eclodiu precedeu e encorajou as divisões internas que logo nasceram entre os batistas e metodistas sob a influência do avivamento pentecostal. In: VALÉRIO, 2013, p. 81.

cente seita religiosa...As reuniões acontecem em um prédio decadente da rua Azusa, e os devotos de doutrinas estranhas praticam os ritos mais fanáticos, pregam as mais extravagantes teorias e se colocam em um estado de louca euforia quando se entregam ao fervor pessoal (CURTIS, 2003, p. 173.).

Dessa forma, Azusa Street se tornou em 1906 a *Jerusalém norte-americana*. Muitas caravanas de cristãos se dirigiam para a cidade, todos estavam ansiosos para uma *experiência* com o Espírito Santo (CAMPOS, 2005, p. 113). Isso mostra que a publicidade negativa realmente ajudou a trazer mais pessoas até o local. As pessoas queriam ver o que acontecia de sobrenatural naquele prédio antigo. Seymour, chamava os crentes a dar um passo a mais de fé, ele queria que eles se *santificassem* e que fossem *batizados no Espírito Santo*, segundo suas pregações esse batismo seria acompanhado do falar em línguas (CURTIS, 2003, p. 173).

42

Com o passar dos dias, o falar em línguas começou e se cada vez mais frequente: primeiros negros, depois brancos tiveram essa experiência, sendo essa uma das características mais marcantes das primeiras reuniões, o caráter multirracial, algo raro para a época. A liderança do movimento era dividida entre negros e brancos, homens e mulheres. Diante da terrível história de racismo e segregação nos Estados Unidos, esse fato só podia deixar encantados os participantes e observadores do avivamento. O discurso de que “a linha divisória da cor havia sido lavada pelo sangue” era algo que atraía multidões (MATOS, 2006, p. 32).

O avivamento ficou assim marcado pela derrubada de barreiras raciais experimentadas pelas igrejas tradicionais, como também por cultos que enfatizavam a oralidade na liturgia, o testemunho dos fiéis, sonhos e visões, expressões corporais próprias das igrejas negras, além do grande fenômeno de falar em línguas estranhas. Estas características receberam duras críticas das igrejas e da mídia, que as acusavam de heresias e práticas de vudus (CUNHA, 2011, p. 37).

O movimento pentecostal foi extremamente diversificado, havendo um enorme número de líderes carismáticos, incluindo Seymour e Parham, que reuniam multidões de seguidores e inclusive disputavam fiéis uns com os outros. É importante frisar que o movimento foi intencionalmente desvinculado de organização e denominações, afirmando que sua única preocupação era seguir o Espírito Santo.

Todas as linhas de renovação espiritual convergiam para o prédio da rua Azusa. Ele foi a Meca Pentecostal. Por vários anos serviu como o centro de um movimento pentecostal crescente. As pessoas que frequentavam o local tentavam levar para suas casas o que encontravam ali (CURTIS, 2003, p. 174.). Apenas dois anos depois da explosão do avivamento que ocorreu em Los Angeles, o movimento pentecostal estava espalhado por todos os Estados Unidos, em muitos países do norte da Europa, na Índia, Na China e na África, por meio das mais diversas formas eclesiais (CUNHA, 2011, p. 38).

Ocorreram crises internas dentro do movimento, choques de personalidade, fanatismo e divergências doutrinárias. Com o passar do tempo Seymour e outros líderes negros acabaram assumindo o controle da missão, excluindo os brancos e hispanos (MATOS, 2006, p. 33). O próprio Pharoah visitou o local em outubro de 1906 e ficou chocado com certas manifestações. Seymour tornou-se o agente catalisador de toda uma situação que ia de encontro com o anseio social de sua época. Segundo Campos o movimento pentecostal apresenta raízes africanas:

Seymour foi capaz de fazer a síntese, de catalisar e de descobrir as raízes africanas do movimento pentecostal. Por isso Azusa Street se tornou o cadinho em que se produziria uma religiosidade que valoriza alguns traços da tradição negra: oralidade da liturgia; teologia e testemunhos oralmente apresentados; inclusão de êxtase, sonhos e visões nas formas públicas de adoração; holismo quanto às relações corpo-alma; ênfase

nos aspectos xamânicos da religião; uso de coreografias e de muita música no culto (CAMPOS, 2005, p. 112).

Após três anos de reuniões diárias de longa duração o avivamento entrou em declínio. Depois da morte de Seymour em 1922 e de sua esposa em 1936, a missão encerrou sua atividade e o edifício foi demolido. Todavia um novo capítulo na história da igreja havia começado (MATOS, 2006, p. 33).

É desse movimento que emerge um princípio teológico, o pentecostalismo. Onde a fé afirma-se à necessidade de confirmação da presença de Deus na vida do fiel, através do trabalho do Espírito Santo, entendido como um revestimento de poder para a missão e o ministério, e demonstrado através do batismo no Espírito Santo (CUNHA, 2011, p. 39).

É importante destacar que a Assembleia de Deus, maior denominação pentecostal da atualidade no Brasil, começou como uma tentativa de alcançar coesão dentro do movimento pentecostal, além de corrigir traços de conduta inadequada que aconteciam com líderes do movimento. Em abril de 1914, convocou todos os pentecostais para uma reunião, que aconteceu em Hot Springs, no Arkansas. O objetivo da reunião era: união, estabilidade, credibilidade do movimento e a criação de um programa de missões e institutos bíblicos. Assim, em meio a uma tentativa de “organizar” o avivamento que estavam presenciando surgiu a denominação chamada Assembleia de Deus (CURTIS, 2003, p. 175).

O movimento pentecostal chegou ao Brasil em 1910-11, foi trazido por missionários dos Estados Unidos, que tinham o objetivo de sair do seu campo para espalhar a mensagem do avivamento para outros que ainda não conheciam (CAMPOS, 2005, p. 113). Mesmo muitas questões pentecostais serem a razão de diversas divisões de igrejas não pentecostais, o pentecostalismo foi a arma mais poderosa do cristianismo no século XX. Com forte ênfase em missões e no evangelismo, levaram o Evangelho para lugares antes não alcançados (CURTIS, 2003, p. 175).

## 1.2 A CHEGADA DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL

A partir de Los Angeles, o pentecostalismo se espalhou rapidamente para outros países. O movimento não demorou para entrar na América Latina, primeiramente no Chile em 1909 e logo em seguida no Brasil em 1910. Inicialmente o crescimento nesses e em outros países foi lento, mas se fortificou na década de 50 (MATOS, 2006, p. 37).

Os pioneiros do movimento pentecostal no Brasil foram Luigi Francescon, fundador da Congregação Cristã e Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores da Assembleia de Deus. Essas duas são clássicas igrejas pentecostais. Seus ensinamentos, quando chegaram no Brasil, se distinguiram do “protestantismo histórico” por pregar a experiência do “Batismo com o Espírito Santo” e o “falar em línguas” (GANDRA, 2013, p. 271).

São muitas as razões da grande aderência ao movimento pentecostal na América Latina: “as vicissitudes históricas da obra evangelística e pastoral católica, o limitado trabalho das denominações protestantes, o misticismo das culturas ibero-americanas, os graves problemas econômicos, políticos e sociais” (MATOS, 2006, p. 38). Também a ênfase no Espírito Santo proporciona uma leitura de mundo diferente da tradicional, uma experiência direta com Deus, não obrigatoriamente mediada pelo texto bíblico, um fenômeno que acaba sendo bem recebido por países de condição social inferior (GANDRA, 2013, p. 271).

Nos primeiros 40 anos, o pentecostalismo clássico reinava (GANDRA, 2013, p. 271) de forma absoluta em território brasileiro, a Igreja Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil davam ênfase no dom de línguas e na crença da volta eminente de Cristo (FOERSTER, 2007, p. 203). O movimento surgia como uma proposta alternativa ao catolicismo e ao protestantismo histórico com sua ênfase na racionalização das Escrituras. Surgiu como um fenômeno religioso em virtude da marginalização dos pobres, através da experiência com o Espírito Santo, esse se

viu revestido de dignidade dentro de uma realidade de marginalização. Sendo essa a primeira onda do pentecostalismo no Brasil (GANDRA, 2013, p. 271).

No início dos anos 50 surgiu o que é conhecido como a segunda onda do pentecostalismo no Brasil.<sup>7</sup> Nesse momento surgiu a igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Pentecostal Brasil para Cristo e a Igreja Pentecostal Deus é Amor, entre uma enorme diversidade de pequenas e novas igrejas, seitas e denominações (CAMPOS, 2005, p. 113). A segunda onda gerou um impacto no campo pentecostal e esse se fragmentou. As principais diferenças em relação a “primeira onda” foram: ênfase na cura divina, apropriação do rádio na evangelização e uma maior abertura nas questões de “usos e costumes de santidade”, com exceção da Igreja Deus é amor, que manteve os “usos e costumes” (GANDRA, 2013, p. 272).

A terceira onda histórica do pentecostalismo brasileiro começou nos anos 70, mas ganhou força nos anos 80. Essa foi denominada de “neopentecostal”, tendo como distinção das outras linhas pentecostais a forte ênfase na teologia da prosperidade. As principais igrejas dessa onda são: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Paz e Vida, Igreja Renascer em Cristo, Comunidades Evangélicas e muitas outras (MATOS, 2006, p. 39). Alguns estudiosos, não concordam que as igrejas “neopentecostais” se enquadram na definição de pentecostal, da mesma forma que não se enquadram como protestantes. Um dos defensores desse ponto de vista é Cavalcanti (THROUP, 2011, p. 116).

46

7 DIFERENTES CONCEPÇÕES SOBRE O PENTECOSTALISMO NO BRASIL: alguns estudiosos sugerem que ao invés de Três Ondas, o movimento pentecostal brasileiro seja dividido em duas fases apenas: “A primeira é o Pentecostalismo Salvacionista (PS), iniciado em 1910 e se estendendo até a década de 1960 [...] com ênfase na conversão para a salvação, na importância do batismo com o Espírito Santo e na santidade (holiness) como atitude indissociável de uma vida cristã autêntica [...]; A segunda fase do pentecostalismo brasileiro inicia com as Igrejas do Evangelho da Prosperidade, ou Pentecostalismo da Prosperidade”. In. SOUZA, Bertone de Oliveira. O Pentecostalismo na história brasileira: problemas de periodização e enfoques teórico-metodológicos. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano VIII, n. 22, p. 25-26.

Matos, resume muito bem as ênfases de cada onda, “assim como a ênfase da primeira onda foi o batismo com o Espírito Santo e o consequente falar em línguas, a da segunda onda foi a cura e a da terceira, o exorcismo e a mensagem da prosperidade” (MATOS, 2006, p. 39). As três faces do pentecostalismo continuam cada vez mais fortes em território Brasileiro, e nos últimos 30 anos o pentecostalismo vem ocupando cada vez mais espaço na sociedade, sendo que em 2011 estimava-se que existia mais 300 denominações pentecostais no Brasil (ORO, 2011, p. 384).

O enorme crescimento do pentecostalismo no Brasil produz e produziu um grande impacto nas igrejas e na sociedade, o que torna necessário um exame nas características e crenças (MATOS, 2006, p. 25). Interessante perceber que a igreja pentecostal está cada vez mais atrelada no campo político e por vezes suas crenças infiltram igrejas cristãs tradicionais (ORO, 2011, p. 393).

## 2. TEOLOGIA E DOCTRINA PENTECOSTAL

Para compreender a doutrina e teologia pentecostal, faz-se necessário analisar a origem do termo “pentecostal”. O termo teve sua origem no Pentecostes, nome dado a uma festa anual do povo judaico, porém a relação com a festa é indireta e acidental. A doutrina pentecostal está diretamente relacionada à decida do Espírito Santo e a manifestação dos dons da glossolalia e da profecia como sinais da manifestação do Espírito (SOUZA, 2004, p. 16-17).

Fica claro que o termo faz alusão às primeiras manifestações dos carismas do Espírito Santo ocorridas no dia de Pentecostes (SOUZA, 2004, p. 17). Dessa forma ela é denominada “pentecostal”, porque no Batismo do Espírito cada crente alcança a experiência de um Pentecostes pessoal com Deus, onde Deus restaura os dons que Ele quer que a igreja tenha e que foram perdidos com o esfriamento espiritual da fé tradicional (CUNHA, 2011, p. 38).

A teologia do Espírito Santo no pentecostalismo é de tradição majoritariamente oral. Muitas obras escritas no meio pentecostal repetem a experiência do dia de Pentecostes, ampliando os escritos de Paulo ou relatando experiências próprias (POMMERENING, 2014, p. 461). Sendo a pneumatologia o centro da teologia pentecostal, desde o nascimento do movimento que é atribuído a uma ação do Espírito, até a atualidade onde o Espírito Santo sempre tem lugar cativo na teologia pentecostal, essa consolidou-se como a doutrina mais importante no meio pentecostal (LIMA, 2015, p. 73).

Outra faceta da teologia pentecostal, que auxiliou no rápido e amplo crescimento é a prática litúrgica “barulhenta”. Dentro do pentecostalismo

emoção e êxtase são estados psicológicos relativamente dependentes entre si. Ambos poderão ser oriundos da oralidade ou conduzir a ela. Mas parece que ambas estão em um estágio intermediário entre a oralidade produzida pelo outro (o pastor, profeta ou cantor), que “mexe” com as emoções do ouvinte, que por conseguinte se expressa oralmente, obviamente, através da glossolalia, da oração, do cântico, dando glórias (POMMERENING, 2001, p. 28).

Uma forma de evangelização agressiva, quando comparada às igrejas tradicionais, uma teologia que visa solucionar e encontrar respostas para as circunstâncias presentes, foi também utilizada pelo meio pentecostal (SOUZA, 2004, p. 11). Dessa forma a teologia pentecostal está submetida a um discurso emocional que é racionalizado, dando ênfase na importância do fiel experimentar o sobrenatural. Um discurso que atinge classes inferiores, que por vezes não tem voz na sociedade.

Valorizando o espiritual e proporcionando para os fiéis cultos ativos e cheios de entretenimentos visuais, muitos anos se passaram sem que o pentecostalismo empregasse valor na teologia e estudos aprofundados da Bíblia. Somente na últi-

ma geração o pentecostalismo começou a se preocupar com a educação formal de seus adeptos e a incentivar a formação teológica regular de seus ministros (LOPES, 2012, p. 144). Fica evidente que neste meio

o estudo teológico é pouco valorizado. A massa pentecostal prefere se acomodar ao que aprende nos púlpitos das igrejas e o que recebe da tradição, preferencialmente pela oralidade. Quando há o ensino, ele se dá no sentido de inculcar as doutrinas nos alunos, coibindo o livre pensamento. A maioria das correntes pentecostais brasileiras ensinam suas verdades bíblicas de maneira que não há espaço para o questionamento (ALENCAR, 2015, p. 27).

Pedde sugere que a teologia pentecostal se coaduna com o discurso pós-moderno, priorizando sensações e emoções individuais (PEDDE, 1997, p. 257). A experiência com o Espírito Santo norteia toda a teologia pentecostal, desde o seu fazer até a sua prática. Sendo essas experiências consideradas de maior valor do que o conhecimento teológico (POMMERENING, 2014, p. 466).

A doutrina pentecostal tem quatro pilares, “Jesus salva, Jesus batiza com o Espírito Santo, Jesus cura e Jesus virá outra vez”. Dessa forma as afirmações de fé do pentecostalismo tradicional estão diretamente ligadas a esses quatro pilares:

1. Salvação pela fé e assistência da graça no processo de santificação.
2. Batismo e derramamento do Espírito;
3. Sinais de poder e de dons especiais (línguas, cura divina, expulsão de demônios, profecias, são os mais apreciados).
4. Segunda vinda, com novo derramamento do Espírito e pré-milenarismo. Urgência escatológica e encurtamento do tempo (JOSGRILBERG, 1995, p.63).

Dentre essas a marca principal que distingue o pentecostal das demais expressões do protestantismo é a crença na contemporaneidade de dons do Espírito Santo e no batismo do

Espírito Santo, ambos devem ocorrer logo após a conversão ao Evangelho. Esse recebimento é visto como uma graça especial de comunicar-se com o mundo espiritual através da glossolalia (SOUZA, 2004, p. 21).

Os quatro pontos que norteiam a doutrina pentecostal são indiscutíveis em seu meio. Eles estão firmados e não são questionados, diferentemente de igrejas históricas que desenvolvem sua teologia problematizando os seus fundamentos e os rediscutindo. Esta é uma das grandes forças do movimento, uma ortodoxia que não deixa polemizar suas bases, a teologia e todas as doutrinas se desenvolvem a partir dos quatro pontos, trazendo uma clareza e firmeza para alguns fiéis em termos de certas doutrinas. Sendo esses quatro pontos recorrentes de uma forma ou outra nas obras teológicas pentecostais, é fácil distingui-los (JOSGRILBERG, 1995, p. 65-67).

Mesmo cada igreja pentecostal sendo autônoma, existem características comuns entre as igrejas da primeira e segunda onda:

50

1. Prevalência da emoção sobre a razão.
2. Valorização dos fenômenos extraordinários, que fazem vibrar, gritar e aplaudir.
3. Leitura fundamentalista da Bíblia.
4. Centralidade nos interesses humanos, apresentando-se, com fanatismo, milagres, sem senso crítico.
5. Pregação de puro espiritualismo evangélico (COSTA, 2007, p. 3).

O pentecostalismo opera em um sistema de pouca doutrina, de muitos rituais e grande valorização das experiências com o Espírito. Carregando princípios morais simples, mas que dão uma resposta eficaz contra os problemas familiares atuais e a desestruturação familiar e pessoal, sendo a família tomada como algo de extrema importância. Também são oferecidas sensações e experiências que geram excitação para a alma, prazerosos momentos cheios de alegria e ânimo criados em cada reunião (PEDDE, 1997, p. 245).

Os pentecostais sempre priorizam o sentimento comunitário, a participação e o entusiasmo de massa, com cultos extremamente alegres (COSTA, 2007, p. 3). Criam assim uma experiência religiosa popular, uma forma de transformar a realidade onde está inserida, com a criação de novas formas de entender e se relacionar com Deus (ALBANO, 2016, p. 113).

Com uma doutrina que dá ênfase para o conceito teológico da restauração do indivíduo (SARAGOÇA, 2004, p. 43) as igrejas pentecostais conseguem assim exercer forte mobilização entre os pobres. O pentecostalismo assimilou doutrinariamente a exclusão social, legitimando-a mediante estatuto sagrado. Porém o “pentecostalismo não nasceu para conquistar legitimidade entre os pobres; pelo contrário, já nasceu legítimo porque nasceu pobre” (POMMERENING, 2011, p. 24), dessa forma suas doutrinas vão de encontro com as características das classes mais baixas, as cativando e gerando transformação social na sociedade. A alma dos desfavorecidos está refletida no rito, na linguagem, na teologia, na concepção de Deus, na formação e no desempenho da liderança das igrejas pentecostais (SOUZA, 2004, p. 24).

### 3. UMA LITURGIA SOCIAL

A experiência do Espírito Santo é de grande importância para os pentecostais, ela traça importantes caminhos de organização pessoal, familiar e social dos adeptos. A ênfase dos ensinamentos e cultos pentecostais está nessa experiência (POMMERENING, 2014, p. 462). Como já foi citado anteriormente, no pentecostalismo os dons do Espírito Santo são mais valorizados do que o estudo da Palavra escrita (FOERSTER, 2007, p. 212). Dessa forma, entender a relação do pentecostalismo com o Espírito Santo é de suma importância, já que a identidade pentecostal é construída com base nessa relação. Desde seus primórdios o pentecostalismo é conhecido, principalmente, pela experiência do

batismo com o Espírito Santo, sendo essa a forma que grande parte dos teólogos caracterizam o pentecostalismo (LIMA, 2015, p. 72). É a relação pessoal do cristão com o Espírito que o coloca em uma posição privilegiada diante da comunidade.

### 3.1 BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

O pentecostalismo formula, desde a origem, a sua doutrina acerca do Batismo do Espírito Santo com base em Atos 2, passagem essa que evidencia o falar em línguas no dia de Pentecostes. No pentecostalismo brasileiro acredita-se que o Batismo do Espírito Santo acontece após o “batismo nas águas”. Deve haver uma preparação e uma grande expectativa para que ocorra o Batismo do Espírito Santo, sendo esse marco a certeza que o fiel foi eleito por Deus e salvo (WULFHORST, 1995, p. 11). O pentecostalismo argumenta que no Antigo Testamento o Espírito Santo é comunicado somente a pessoas escolhidas, enquanto no Novo Testamento, ele é derramado “sobre toda a carne” (LIMA, 2015, p. 74).

Na doutrina pentecostal o Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade, a Ele está reservada a tarefa de iniciar a Igreja. Já o Batismo do Espírito Santo está associado a distribuição de dons, como a capacidade da demonstração de poder, que se refere a bençãos espirituais verificáveis por sinais exteriores, como a glossolalia, os exorcismos, as curas e milagres (PEDDE, 1997, p. 250). Dessa forma a experiência com o poder do Espírito Santo é central para a espiritualidade pentecostal (GILBERTO, 2008, p. 191). No pentecostalismo a autoridade religiosa não está fundamentada no conteúdo Bíblico, mas na experiência particular do crente, no ser “cheio do Espírito Santo” (ALBANO, 2016, p. 111).

O batismo com o Espírito Santo é visto como a “segunda bênção” acessível ao cristão (PORTELLA, 2012, p. 4). A maioria das igrejas pentecostais pregam como fundamental para a salvação dois processos, primeiramente a conversão e posterior a

ela a santificação, que em decorrência da qual há o batismo do Espírito Santo. Dessa forma a pessoa, mesmo sendo convertida, é reconhecida como estando em um estado espiritual mais elevado quando recebe o batismo do Espírito Santo, este que é normalmente confirmado através do dom de línguas (PEDDE, 1997, p. 250).

Para o pentecostal, o poder de Deus não é uma teoria abstrata, mas uma verdade experimentada. O poder de Deus pode ser percebido através do testemunho que o Espírito Santo dá na vida do crente (PORTELLA, 2012, p. 4). O crente em sua vida congregacional pode experimentar do poder de Deus através do batismo com o Espírito Santo. No trecho seguinte será apresentada a definição de Batismo com o Espírito Santo através de uma perspectiva pentecostal:

A preposição “com” é a partícula grega em que pode ser traduzida como “em” ou “com”. Da mesma forma, “batizados com água” pode ser traduzido “batizados em água”. Uma das doutrinas principais das Escrituras é o batismo no Espírito Santo. A respeito do batismo no Espírito Santo, a palavra de Deus ensina o seguinte: 1) O batismo no Espírito Santo é para todos que professam sua fé em Cristo; que nasceram de novo, e, assim, receberam o Espírito Santo para neles habitar. 2) Um dos alvos principais de Cristo na sua missão terrena foi batizar seu povo no Espírito (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.33). Ele ordenou os discípulos a não começarem a testemunhar até que fossem batizados no Espírito Santo e revestidos do poder do alto (Lc 24.49; At 1.4,5,8) 3) O batismo no Espírito Santo é uma obra distinta e à parte da regeneração, também por Ele efetuada [...] 4) Ser batizado no Espírito Santo significa experimentar a plenitude do Espírito (cf. At 1.5; 2.4). Este batismo teria lugar somente a partir do dia de Pentecostes. Quanto aos que foram cheios do Espírito Santo antes do dia de Pentecostes (e.g. Lc 1.15,67), Lucas não emprega a expressão “batizados no Espírito Santo”. Este

evento só ocorreria depois da ascensão de Cristo (At 1.2-5; Lc 24.49-51; Jo 16.7-14) (ARAÚJO, 2007, p. 118-119).

O que é frisado pelos pentecostais é que a experiência do batismo no Espírito Santo tem como propósito principal a capacitação para o serviço. Mesmo o falar em línguas sendo a evidência do batismo, este não é o objetivo primordial, o propósito deve ser sempre o da capacitação para testemunhar e servir. Creem então que o batismo com o Espírito Santo é um revestimento de poder que capacita o cristão para o serviço (LIMA, 2015, p. 79).

Para o pentecostalismo o batismo com o Espírito Santo é uma experiência que passou pela vida dos apóstolos, nunca deixou de estar presente na história da comunidade e é atual. As línguas estranhas, glossolalia, são consideradas a principal evidência de que o batismo ocorreu na vida do crente, gerando no fiel a sensação de importância e de ser valorizado (LIMA, 2015, p. 77-78).

54

Sendo assim o batismo dos crentes no Espírito Santo é testemunhado pelo evento físico do falar em línguas. Para embasar essa doutrina o pentecostalismo utiliza Atos 2.4 que diz “Ficaram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia falar” (COSTA, 2007, p. 5).

### 3.2 GLOSSOLALIA

A glossolalia, falar em línguas, é para os pentecostais a evidência inicial da experiência do batismo no Espírito Santo (LIMA, 2015, p. 77). Segundo Campos, Parham propôs aos seus alunos a seguinte questão:

Existiria uma evidência bíblica para o batismo do Espírito Santo? Após um tempo de pesquisa na Bíblia, os estudantes chegaram à conclusão de que a glossolalia era o sinal que procuravam. Se havia tal evidência na Bíblia, faltava uma ex-

periência em que alguém falasse as novas línguas. Esse fato ocorreu na passagem de ano de 1901. Durante uma vigília Agnez Ozman (uma das alunas de Parham) sentiu a necessidade de receber preces com a imposição de mãos. Com a oração, Ozman falou em outras línguas: era o começo do pentecostalismo nos EUA (CAMPOS Jr., 1995, p. 22).

Com base na crença da confirmação do batismo do Espírito Santo através do falar em línguas, no pentecostalismo está consolidada a ideia de que falar em línguas é um acompanhamento imediato e empírico do batismo no Espírito. Alguns estudiosos chegam a comparar esse acontecimento com um rito de passagem, de maneira que fiéis relatam que essa é uma das coisas mais importantes da vida e que esse momento muda totalmente a pessoa (POMMERENING, 2011, p. 121).

É preciso frisar que a glossolalia é um fenômeno catalisador de uma enorme complexidade de relações simbólicas e culturais, que acontecem dentro do Pentecostalismo. Etimologicamente a palavra glossolalia origina-se de *glossa* (língua) + *lalein* (falar), sendo assim falar em línguas (OLIVEIRA JÚNIOR, 2004, p. 30). O falar em línguas, a interpretação destas línguas e as profecias são entendidas no meio pentecostal como sendo o próprio Deus falando. Ficando nítida a forte apropriação do recurso da fala para evidenciar o êxtase (POMMERENING, 2011, p. 122).

No meio pentecostal o falar em línguas é imprescindível. Além de incluir o fiel na comunidade, também agrega valor a ele, sendo essa a prova do amor de Deus (POMMERENING, 2011, p. 123). Nisso o crente acaba obtendo sentido para a sua vida religiosa, amplia sua identidade e começa a se sentir verdadeiramente inserido na comunidade, algo que pessoas de classes inferiores não encontram na sociedade, onde não costumam ter voz e muito menos serem valorizadas (ALBANO, 2016, p. 116).

“A glossolalia encarna um fenômeno catalisador de uma complexidade de relações simbólicas, portanto culturais, que se processam no interior do Pentecostalismo como uma forma de oração extática reconhecida pelas Igrejas Pentecostais como o ‘dom de línguas’” (RICCI, 2007, p. 55). É uma manifestação espiritual e emocional intensa, mas que não é desprovida de racionalidade, segundo seus teólogos.

O “trance de inspiração” caracteriza o pentecostalismo, especialmente no que diz respeito à glossolalia [...] no [...] pentecostalismo], o indivíduo conserva sua personalidade, mas é cercado [...] pela divindade que, ao dominá-lo, faz dele seu porta-voz (AUBRÉE, 1996, p. 175; MAUÉS, 2007).

Observa-se que nem todos os pentecostais falam em línguas, e há consenso entre os estudiosos de que a marca essencial do pentecostalismo está relacionada ao movimento que produz a língua extática: as emoções (CAMPOS, 1996, p. 60). Elas podem ser dos mais variados níveis e tipos, com expressões “corpóreas altamente emotivas como choro, gritos nos cultos, como múltiplas vozes ecoando como vozerio disforme, orações emotivas, ou até mesmo transes em certos momentos” (ROLIM, 1995, p. 30), sendo um sinal visível da santificação pessoal e a preparação para a manifestação das línguas extáticas. Estas emoções no culto fazem com que ele possa ser designado como culto das emoções ou culto espetáculo (CAVALCANTI, 2001, p. 31-32; NIEBUHR, 1992, p. 27).

A linguagem do falar em línguas, presenciado no meio pentecostal, ultrapassa o inteligível, mesmo a manifestação sendo pessoal ao serem feitas na comunidade, arrastam consigo todos os presentes para a mesma experiência (POMMERENING, 2014, p. 467). Durante o batismo de fogo, quando os fiéis estão falando em línguas, eles podem cair, deitar-se, pular, rolar, dar cambalhotas, rir, uma experiência que ocorre de forma singular, porém geralmente acompanhado do extravasamento de sentidos (RICCI, 2007, p. 55). Os sons dificilmente serão compreendidos, ou identificados:

Se estabelecermos um paralelo com a glossolalia, veremos também que não é fácil descrever o conteúdo inteligível daqueles que falam em línguas. Goodman, ao tentar transcrever as gravações em áudio do material coletado em sua pesquisa de campo, concluiu que a glossolalia é uma língua desconhecida, que lembra o som de instrumentos musicais tocados sem harmonia (NOGUEIRA, 2009, p. 4).

A experiência da glossolalia, geralmente vem acompanhada de um transe, existe uma unanimidade no que se refere ao que ocorre durante a experiência, a percepção de que o indivíduo não consegue mais se submeter ao controle de sua consciência, ocorrendo a alteração de percepções somáticas, que podem ser visuais (NOGUEIRA, 2009, p. 4).

Algumas teorias justificam a glossolalia como um comportamento das pessoas de classes desfavorecidas por causa de um sistema nervoso qualitativamente diferente do de pessoas de classes privilegiadas, não tão propensas a tais manifestações. A glossolalia se torna um componente no processo de transformação tanto pessoal como social, “dando” voz a um grupo geralmente silenciado (NOGUEIRA, 2009, p. 5).

Os dons espirituais possuem quatro conjuntos encontrados na Bíblia. Para os pentecostais um desses conjuntos é considerado o mais importante, de maneira que este contém os dons espirituais. Nesse conjunto estão os seguintes dons: 1) palavra da sabedoria; 2) palavra da ciência; 3) fé; 4) dons de curar; 5) operação de maravilhas; 6) profecia; 7) discernimento dos espíritos; 8) variedade de línguas; 9) interpretação de línguas (I Coríntios, 1995, Cap.12 vers. 8-10) (RICCI, 2007, p. 57).

Esses dons, principalmente o de falar em línguas, se transformam durante o culto, no centro das atenções (PORTELLA, 2012, p. 6). Já para o Apóstolo Paulo, a oração em línguas no contexto de culto público não tem valor, como essa não é compreendida também não pode servir para a edificação

(NOGUEIRA, 2009, p. 11). Mesmo ficando evidente na segunda carta de Paulo aos Coríntios, no capítulo 12-14, a existência do fenômeno conhecido como “falar em línguas” dentro do cristianismo primitivo, sua natureza é limitada (NOGUEIRA, 2009, p. 1). Porém, novamente, a posição de Paulo é clara:

Em I Cor 14,1-5 Paulo diz que para se assegurar a edificação da assembleia (v.3-5), é necessário que as manifestações no culto sejam inteligíveis. Línguas não são compreendidas, pois fala “mistérios” somente a Deus (v. 2); a profecia sim, pois fala aos homens (v. 3). Portanto, a profecia é um dom maior. Mas o apóstolo não condena aquele que fala em línguas; pelo contrário, expressa seu desejo de que todos falem em línguas (v. 5), pois ele mesmo fala em línguas mais do que todos (v. 18) (NOGUEIRA, 2009, p. 8).

Com base no livro de Atos, os pentecostais acreditam que o batismo no Espírito Santo gera poder para testemunhar, poder para realizar milagres, abertura para manifestações espirituais, ministração para a comunidade e vida santa (LIMA, 2015, p. 80-83). Ficando claro que essa é uma experiência que fortifica a vida do crente pentecostal, que crê que recebe força. Essa força é perceptível através do dom de línguas, que concede fala e espaço para um grupo silenciado na sociedade.

58

### 3.3 UM CULTO FEITO POR TODOS

A Liturgia sem regramentos fixos dentro do pentecostalismo se manifesta em cultos longos e espontâneos, imersos em momentos de música e de expressões pessoais. Sua liturgia não tem regras fixas, podendo ser alterada de acordo com a condução e o sentimento do dirigente (SOUZA, 2018, p. 39).

Esse formato do culto se tornou inclusivo por ter uma linguagem simples permitindo a manifestação de todas as pessoas, trabalhando a autoestima e a identificação dos presentes (SOUZA; MATOS, 2017, p. 271). Esta prática de permitir que outros

falem se manifestou na “pregação improvisada, na sonoridade constante, na oração fervorosa, nos choros, nos gritos, nas palmas, nas línguas estranhas” (SOUZA, 2018, p. 94). Para Rolim,

seu dinamismo está na iniciativa de cada crente. Nenhuma programação ou planejamento antecipadamente traçado. Fica ao sabor das circunstâncias e aos cuidados de cada um. Não vem de cima para baixo. Brota da base. É informal. Em torno de algum crente ou pastor não faz diferença, ela é no começo simples reunião de não crentes, curiosos ou desejosos de conhecerem a Bíblia. Muitas casas de crentes foram a matriz da nucleação. Na moradia simples a leitura da Bíblia atraía os vizinhos. E o interesse despertado levava a um novo encontro. Cânticos, leitura de textos, pregação despertando o sentimento, criando consenso. Aglutinando. O povo simples que na época não tinha ocasião de escutar em sua cultura oral as narrações bíblicas, tinha diante dos olhos o fato novo: gente simples lendo ou contando para ele episódios da Bíblia (ROLIM, 1985, p. 46).

A própria exegese bíblica não segue os contornos formais e afeta a liturgia. “Um dos exemplos que podemos mencionar é um dos modos de orientação que consiste em abrir a Bíblia aleatoriamente e tomá-la como uma fala divina diante de decisões cotidianas. Há, pois, o que poderíamos chamar de ‘hermenêutica da experiência’” (ALENCAR, 2015, p. 14).

Longe de ser uma crítica, fica evidente uma perspectiva mais dinâmica e envolvente nos cultos e igrejas pentecostais. Enquanto o modelo protestante tradicional se assemelhava ao catolicismo, dando voz e vez a alguns poucos estudados e privilegiados, o pentecostalismo dinamizou todo o processo e efetivou a ideia do sacerdócio universal dos crentes, defendida pelos reformistas. É provável que esta acessibilidade a partir de uma experiência tenha ultrapassado os limites saudáveis, mas não se pode negar a importância deste feito para a teologia e a igreja.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma abordagem honesta do pentecostalismo precisa incluir ao lado das críticas aos seus problemas e distorções, uma consideração de suas contribuições. O pentecostalismo foi e continua sendo um dos grandes responsáveis da expansão do cristianismo, ele também por vezes serviu para demonstrar que o sobrenatural de Deus não deve ser ignorado.

É evidente que uma teologia com base em dois textos bíblicos será superficial, ainda mais quando esta não é questionada e revista ao longo dos anos. A supervalorização das emoções e da fala acarreta problemas para o movimento, assim como desvios teológicos em supervalorizar alguns dons e outros não.

A glossolalia é o cerne da teologia pentecostal, porém os fiéis também são consumidores de dons espirituais, ficando claro que buscam encontrar poder e espaço na religião. A igreja torna-se um lugar onde o fiel pode usufruir dos bens espirituais e da salvação, podem dar vazão aos sentimentos, falar sobre suas experiências. Encontrando assim um abrigo seguro diante de uma sociedade caótica e excludente. Em suma, no pentecostalismo a pessoa encontra espaço para a emancipação e autonomia que não encontra na sociedade, sendo esse um dos motivos do grande crescimento desse movimento.

É importante destacar que o pentecostalismo oferece lições ao protestantismo clássico, como a preocupação com os pobres e marginalizados, a ênfase na evangelização, a exuberância do louvor e a valorização dos dons espirituais. Também existem algumas contribuições que as igrejas tradicionais podem oferecer ao movimento pentecostal: seriedade no estudo e interpretações das Escrituras, valorização da teologia e compromisso com a ética cristã.

O pentecostalismo, com seu poder transformador, necessita encontrar um equilíbrio. Isso não significa deixar as manifestações do Espírito Santo de lado, mas sim ponderar a

respeito da valorização exacerbada da glossolalia, de uma teologia do Batismo do Espírito Santo que encontra pouquíssimo respaldo bíblico e da maior valorização para um tipo específico de dom do Espírito.

Sendo assim, é possível concluir que é necessário valorizar igualmente a emoção e o intelecto; as manifestações do Espírito Santo e o estudo bíblico; fervor e reverência; espaço de fala para os fiéis e ordem de culto. Porém podemos sintetizar tudo o que foi visto nas palavras de Paulo em I Coríntios 13: “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos (...), ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência (...), se não tiver amor nada serei, nada disso me aproveitará”.

## REFERÊNCIAS

ALBANO, Fernando. A espiritualidade pentecostal como presença transformadora. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo v. 56, n. 1, jan./jun. 2016.

ARAÚJO, Isael. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

CAMPOS Jr., Luís de Castro. **Pentecostalismo: sentidos da palavra divina**. São Paulo: Ática, 1995.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 67, p. 100-115, set./nov. 2005, p. 104.

CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim F. **Na força do espírito: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas**. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1996.

CAVALCANTI, Robinson. **A igreja, o país e o mundo: desafios de uma fé engajada.** Ultimato, 2001.

COSTA, Rovílio. O pentecostalismo e o culto do divino na atualidade. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 37, n. 158, dez. 2007.

CUNHA, Magali do Nascimento. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações. **Estudos de Religião**, v. 25, n. 40, 33-51, jan./jun. 2011.

CURTIS, A. Kenneth. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo:** do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. São Paulo: Vida, 2003.

FOERSTER, Nibert H. Pentecostalismo brasileiro clássico e secularização. **Estudos de Religião**, v. 21, n. 32, jan./jun. 2007.

GANDRA, Valdinei Ramos. Assembleia de Deus: Questões identitárias na criação de estudos no movimento pentecostal. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 53, n. 2, p. 268-281, jul./dez. 2013.

GILBERTO, Antonio. **Pneumatologia:** A doutrina do Espírito Santo. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

GODELIER, M.; HASSOUN, J. (orgs.). **Meurte du Père, sacrifice de la sexualité:** approches anthropologiques et psychanalytiques. Paris, Arcanes, 1996.

JOSGRILBERG, Rui. Pentecostalismo e questões teológicas. **Revista de cultura teológica**, São Paulo, n. 13, out./dez. 1995.

LIMA, Adrino. A experiência do “batismo com o Espírito Santo” no pentecostalismo. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 72-84, jan./abr. 2015.

LOPES, Marcelo. Bem-aventurados os “pobres”: porque eles reinam (ao menos) no “pentecostalismo”. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**. Maringá, v. 34, n. 2, p. 141-145, jul./dez. 2012.

MATOS, Alderi Souza. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 11, n. 2, 2006.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. “**Bailando com o Senhor**”: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012003000100001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012003000100001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 24 maio 2007.

NIEBUHR, H. Richard. **As origens sociais das denominações cristãs**. São Paulo: IEPG-ASTE, 1992.

NOGUEIRA, Sebastiana Maria. A glossolalia (falar em línguas) no cristianismo do primeiro século e o fenômeno hoje. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 1, n. 3, 2009. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 15 nov. 2019.

OLIVEIRA JÚNIOR, A.W. **Glossolalia: voz e poesia**. São Paulo: EDUC, 2004.

ORO, Ari Pedro. Algumas interpelações do Pentecostalismo no Brasil. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 383-395, jul./set. 2011.

PEDDE, Valdir. O poder do pentecostalismo: a experiência do Espírito Santo. **Estudos Teológicos**, v. 37, n. 3, 1997, p. 257.

POMMERENING, Claiton Ivan. Fragmentos de uma teologia do espírito para o pentecostalismo clássico. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**, São Leopoldo, v. 2, 2014.

POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 24, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/106>. Acesso em: 15 nov. 2019.

PORTELLA, Rodrigo. Pentecostalismo clássico e valores de autonomia: sobre o poder simbólico das representações pentecostais. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 6, n. 10, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/reveleteo/article/view/13129>. Acesso em: 15 nov. 2019.

RICCI, Maurício. Glossolalia, iniciação e alteridade no pentecostalismo. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 16, 2007.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.

64

ROLIM, Catarxo F. **Pentecostalismo – Brasil e América Latina**. Série VII A Libertação na História. Vozes: Petrópolis, 1995.

SARAGOÇA, Yara Cristina. **Evangelizando “homens de negócios”**: O pentecostalismo e o empresariado. São Carlos: UFSCar – Dissertação de Mestrado, 2004.

SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 37, n. 1, 1997.

SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo**: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: Vida, 2009.

SOUZA, Alexandre Carneiro. **Pentecostalismo**: de onde vem, para onde vai? Um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira. Viçosa: Ultimato, 2004.

SOUZA, Gláucia Borges Ferreira de. **Um estudo de caso da Congregação Cristã no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião - Goiás: PUC, 2018.

SOUZA, Bertone de Oliveira. O Pentecostalismo na história brasileira: problemas de periodização e enfoques teórico-metodológicos. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano VIII, n. 22.

THROUP, Marcus. O templo de Salomão em São Paulo? Sobre a ressignificação de símbolos veterotestamentários no movimento neopentecostal. **Revista Caminhando** v. 16, n. 1, p. 115-123, jan./jun. 2011.

VALÉRIO, Samuel Pereira. **Pentecostalismo de migração: terceira entrada do Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: PUC – Dissertação do Mestrado em Ciências da Religião, 2013.

WULFHORST, Ingo. O pentecostalismo no Brasil. **Estudos teológicos**, São Leopoldo, v. 35, 1995.